



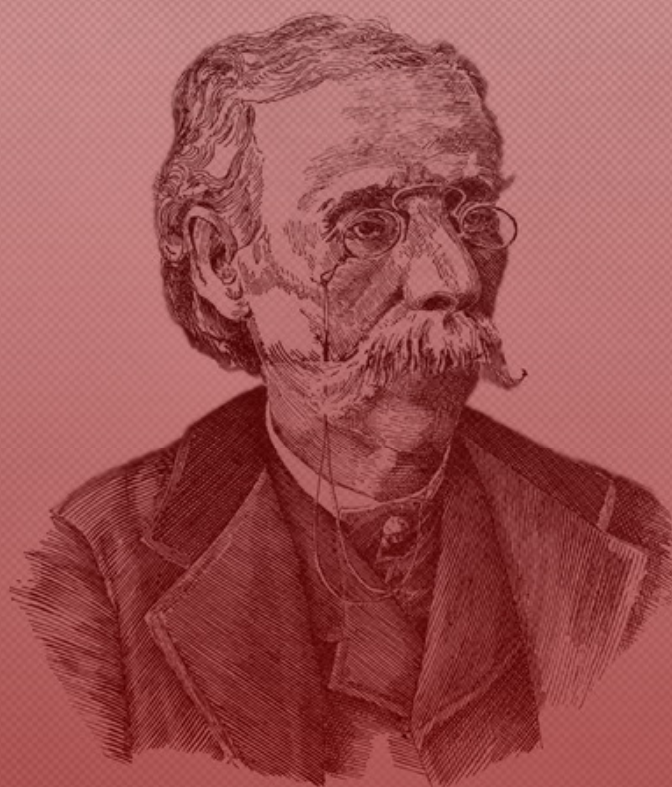
Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



Camilo Castelo Branco
Entre a flauta e a viola



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

Entre a flauta e a viola
Camilo Castelo Branco

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1871.

Livro Digital nº 568 - 2ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Portuguesa.

Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco
(1825—1890)



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

ENTRE A FLAUTA E A VIOLA



PERSONAGENS:

ANICETO DA SILVA (pai de Vitorina)

GUTERRES ARTHUR DE MIRAMAR

JOSÉ PIMENTA

UM CRIADO

ATO ÚNICO

Salão de estalagem em Barcelos. Quartos numerados desde 1 a 12, ocupando os lados, e parte do fundo. Um deles, o nº 10, tem sobranceira à porta uma vidraça ou bandeira. Sobre um canapé de palha está uma viola francesa.

CENA I

Aniceto, Vitorina, criado.

(Ao erguer o pano vem entrando Aniceto e Vitorina precedidos de um criado com dois sacos de noite e castiçal)

ANICETO

Vamos a saber: temos dois quartos limpos e camas asseadas onde se passe a noite?

CRIADO

Há de haver.

ANICETO

Há de haver?! Pergunto se há.

CRIADO

Faça favor de entrar aqui para o nº 6; e acolá em frente está o nº 10

também de vago. (*Põe a bagagem dentro dos quartos*)

ANICETO

Então os outros estão ocupados? Pelo que vejo reuniram-se muitos viajantes em Barcelos. Têm bom gosto! Quem está hospedado cá?

CRIADO

Nos números 1, 3, 5, 7 e 9 estão as senhoras fidalgas de Lanhoso, que são seis velhas.

ANICETO

Que faz por aqui esse mulherio?

CRIADO

Vão para os banhos da Póvoa. Vossa senhoria faça favor de fazer pouca bulha que elas recomendaram-me todo o sossego, que queriam dormir.

ANICETO

Pois que durmam. Ora que me importa cá a mim as fidalgas de Lanhoso!

CRIADO

Vossa senhoria toma alguma coisa?

ANICETO

Queres chá, Vitorina?

VITORINA

Não quero nada. Quero deitar-me, que estou moída. O meu quarto é aquele? (*Apontando para o 10*)

ANICETO (*indo examinar o quarto*)

Para onde deita aquela janela?

CRIADO

Para o quintal.

ANICETO (*indeciso*)

Para o quintal? está bom... Vá... Vai-te deitar, menina. (*Ao criado*) Vá você buscar outra luz. (*O criado sai*)

CENA II

Aniceto e Vitorina.

VITORINA

Boas noites, meu pai.

ANICETO

Boas noites. Se for preciso alguma coisa, bate na porta três palmadas.

VITORINA

Ai! (*Gemido longo*)

ANICETO

Deixemo-nos de ais, Vitorina. Juízo, juízo e juízo!

(*Vitorina recolhe-se. O pai fecha a porta, e tira a chave*)

CENA III

Aniceto e o criado que vem com o castiçal.

ANICETO

Diga-me cá você...

CRIADO

Meu amo, que manda?

ANICETO

Por aqui é tudo fêmeas, ou também há machos?

CRIADO
Machos?!

ANICETO
Sim, homens! Se estão homens nestes quartos.

CRIADO
Já disse que não, meu amo. Não há homens.

ANICETO
Da banda do Porto não veio passageiro nenhum?

CRIADO
Não Sr.

ANICETO
Está bom; dê cá você a luz e vá-se embora. Às 7 da manhã, chame-me se eu não estiver a pé, ouviu?

CRIADO
Sim senhor.

(Aniceto recolhe-se, e fecha-se por dentro)

CENA IV

Guterres e o criado.

GUTERRES *(com um saco de viagem)*
Olá, Gregório!

CRIADO
Por cá, Sr. Guterres! Como está vossa senhoria?

GUTERRES
Bom. Há quarto?

CRIADO

Há de haver. Donde vem?

GUTERRES

Da Póvoa. Venho no rasto de uma mulher divina que veio num carro. Está cá?

CRIADO (*rindo*)

Ora vossa senhoria que há de sempre andar atrás de mulheres! Com esta é a sétima vez que o vejo neste fadário! E o maganão sabe-as escolher!

GUTERRES

Então viste-a, viste-a? Boa de lei, hein? Onde está ela?

CRIADO

Ali no nº 10.

GUTERRES

Ali? Oh! que pérola se esconde naquela feia concha! Quem dirá que o meu ideal sonhado há trinta e seis anos está na estalagem de Barcelos! Ali! naquele antro!

CRIADO

Sempre vossa senhoria está um poeta daquela casta! Lembra-se da filha do regedor de Guilhabreu que cá esteve na festa das Cruzes há cinco anos?

GUTERRES

Lembro. Era uma trigueirita de olhos pretos...

CRIADO

E os versos que vossa senhoria lhe botou? a gente sempre se ria...

GUTERRES

Ah! vocês riam-se dos versos? Tens tu a felicidade bestial de te rires da poesia? O talento pôde contar com o coice até em Barcelos... Ora

vamos... onde tenho eu quarto?

CRIADO (*indicando-lhe um do fundo*)

Está ali o nº 11.

GUTERRES

Bem. Podes ir. (*Entra na alcova. O criado sai*)

CENA V

Aniceto saindo com o castiçal em punho.

Não posso adormecer com a ideia de que há uma janela no quarto de Vitorina. Aquele maldito não me deixa sossegar em parte nenhuma. Receio que ele me siga porque o lobriguei quando passávamos em Valongo; e ela também o viu. Quem me diz a mim que o tratante nos não persegue, e anda à volta da casa? Pensa aquele valdevinos que se pôde com uma flauta arranjar uma rapariga com fortuna! Há dois anos que a minha filha está enfeitiçada por um troca-tintas de um estudante que conseguiu seduzir o coração de uma menina que rejeitou os melhores casamentos de Penafiel e Amarante! Afinal, não há de vencer, sarrafaçal! Eu tolherei todos os teus cálculos. Não me pilharás descuidado um instante! Mas aquela janela assusta-me. Vou fazer mudar Vitorina para o meu quarto. (*Olhando para o alto da porta*) E para além do mais esta porta tem vidraça em cima. Se ele aqui entrar, ela pôde vê-lo dali... Que imprudência eu ia cometendo! (*Bate a porta*) Vitorina, Vitorina!

VITORINA (*dentro*)

Quem é?

ANICETO

É o teu pai. Já estás na cama?

VITORINA

Não, senhor.

ANICETO

Que estás a fazer?

VITORINA

Nada. (*Dando volta à chave*)

ANICETO

Nada? Posso entrar? (*À parte*) Lá está ela a descer a vidraça. (*Alto*)
Posso entrar?

VITORINA

Pode.

ANICETO

Estavas à janela?

CENA VI

Aniceto e Vitorina saindo da alcova.

VITORINA

Ai!

ANICETO

Que estavas a fazer na janela?

VITORINA

Ora o pai tem manias! Credo! Que havia de eu fazer na janela!
Estava a tomar ar fresco. Não tinha sono, não podia dormir, estava
muito aflita, muito oprimida, muito abafada, abri a janela, ai!

ANICETO

Pois sim, sim, minha menina. Assim será; mas troquemos os
quartos. Vai para aquele, que eu vou para este. Dá cá o teu saco de
noite. Vamos. Leva o castiçal. Dá-me o meu saco. Muito bem. Agora
entra...

VITORINA (*entrando*)

Oh céus!

ANICETO

Sim, sim. (*Fechando a porta, e tirando a chave*) Agora vou descansado.
(*Recolhe-se*)

CENA VII

GUTERRES (*caminhando contemplativo com o castiçal em punho e os olhos postos no quarto donde saiu Vitorina. Pousa o castiçal*)

Ela ali está, a formosa como a rolinha adormecida com o bico debaixo da asa; e eu venho aqui dar pasto ao coração... mas que pasto tão pouco nutriente! Pobre poeta! todo o teu alimento são esperanças! Enquanto a gente prosaica se embrutece com timbales de pombos e pastéis de camarão, tu, poeta (*batendo no peito*) engoles timbales de esperanças com pastéis de sonetos. Eu já sou do tempo em que um homem de gênio amava com o auxílio dos sonetos, e fazia consistir toda a sua glória de fino amante em gargarejar ternuras para um terceiro andar e recolher-se a casa com o coração a trasbordar de catarro. Hoje não. Os anjos atuais se aparecem de noite à janela é para namorar a lua, ou ver a cauda de algum cometa. Desde que entrou a moda do amor ideal, os olhos de uma senhora, que conversa com as estrelas, não descem a procurar na rua um destes amadores fanhosos, que só se sentem inspirados e eloquentes na ocasião em que a patrulha os não deixa falar. Eram de uma paciência adorável as donzelas de há vinte anos, quando no meu coração rebentavam as primeiras flores!... Que sensaborias a gente lhe disparava lá para cima, e a santa resignação com que a gente as ouvia a elas! A virtude daquele tempo só se explica bem pela temperatura de sorvete em que os corações se conservavam de parte a parte. Isto agora é outra coisa. Um homem sente no peito o progresso material. Aqui dentro há gás, há vias-férreas, há fio elétrico, há balões, há petróleo, há tudo quanto é fogo, energia, rapidez, etc. Eu cá pelo menos sinto isso tudo; conheço que remoço,

que amo e que ardo. Tenho fósforos e ácido prússico aqui dentro. *(Batendo no peito)* E esta mulher! Como eu amo esta mulher desde que a vi ontem na Póvoa de Varzim! Eu, na minha qualidade de escrivão do juiz eleito, estava a escrever num processo, quando ela passava luminosa e radiante como uma aurora boreal. Larguei o processo como largaria um cetro, se fosse rei. Segui-a; vi-a jantar à mesa redonda do hotel portuense. Comeu apenas uma asa de borracho e meia banana. Que estomago tão fino! É que ali está um coração imenso cheio de ternura e com mais poesia que um livro de versos. Saíram, e eu segui-os. Vi entrar o pai num escritório de viação e comprar dois bilhetes. Perguntei para onde iam os passageiros; disseram-me que para Barcelos. Pedi bilhete; mas não havia. Ó desventura! que farei? ficar? não! Há fatalidades invencíveis, funestíssimas! Esta mulher tem o meu destino nas suas mãos; disse eu comigo. Com cumpre-me segui-la. Mas que farei? Não há bilhete. Embora. Alma de poeta, exclamei eu, não sucumbas! Heroicidade na desgraça, homem de coração de bronze! Segue-a! segue-a! Fui alugar um garrano, e segui-os a galope, terra a terra, a rédea solta, receando a cada passo que o coração e o garrano me rebentassem. Aqui estou. Ó mulher, mulher quem és tu? Ave do paraíso, que estás sonhando delícias do teu Éden, lembra-te, ó Eva, que és costela do homem, e que está aqui Adão digno de ti. *(Repara na viola)* Uma viola francesa! *(Pega dela e corre-lhe as cordas)* Está desafinada. Oh! que saudades me tu fazes, instrumento interprete das minhas paixões infantis! Que trovas eu descantava em noites de lua cheia ao arpejar dos teus bordões que gemiam comigo! *(Pensativo)* Quem sabe? *(Vai afinando)* Quem sabe? Se tu fizesses o milagre, ó lira das canções apaixonadas! Vamos! é o fado que me impele; mas não vou tocar o fado. Inspira-me, coração, umas trovas dignas do anjo que ali está dormindo.

(Avizinha-se da porta, onde presume que está Vitorina, e preludia com trejeitos de vate que invoca a inspiração do céu, e canta)

(MÚSICA DA “ALTEIA, MIMOSA ALTEIA”)

Se tu soubesses, lindinha,
Quanto é grande o meu amor

Não dormiras descansada
Quando eu morro aqui de dor.

ALEGRO

Acorda menina,
Não durmas agora,
Enquanto se fina
De dor quem te adora.

Eu na Póvoa descuidado
Já não sentia desvelos,
Eis que surges luz brilhante,
E eu te sigo até Barcelos.

Acorda, menina,
Não durmas agora,
Enquanto se fina
De dor quem te adora.

CENA VIII

Aniceto e Guterres.

(Aniceto abre a porta, e sai de barrete de dormir e robe-de-chambre, com a luz na mão. Guterres recua espavorido)

ANICETO

Passasse muito bem.

GUTERRES

Viva.

ANICETO

Eu já vi o senhor se não me falha a memória.

GUTERRES

Sim, senhor, já tive a honra de jantar na mesa em que vossa senhoria estava na Póvoa.

ANICETO

É verdade. Pois, vossa senhoria canta e toca muito bem; noutra ocasião muito lhe agradecerei o prazer de o ouvir; mas agora pedia-lhe o obséquo de se calar, porque tenho de seguir amanhã viagem e preciso dormir...

GUTERRES

Pois não, senhor! Eu deponho já o instrumento importuno.

ANICETO

Agradeço muito a sua delicadeza. Se não fosse indiscreto, perguntaria com quem tenho a honra de falar?

GUTERRES

Sou Guterres Artur de Miramar, para o servir.

ANICETO

Então é estrangeiro? Esse nome não me parece de cá.

GUTERRES

Sou português nascido e batizado na Póvoa, onde exerço funções públicas.

ANICETO

Ah! exerce funções públicas? Esse emprego deve ser bem bom.

GUTERRES

Sofrível; mas vivo mais do espírito que do funcionalismo. Sou homem de bastantes letras.

ANICETO

Ah! de bastantes letras? então é capitalista... Eu também trago um pouco de dinheiro em descontos... O juro por aqui como regula?

GUTERRES

O juro? está favorável. Um amigo meu empenhou o relógio a doze por cento ao mês. Vossa senhoria é do Porto?

ANICETO

Não senhor, sou de Penafiel, onde sou bem conhecido por Aniceto da Silva.

GUTERRES

Oh! pois não, Sr. Aniceto! E anda pelo Minho a divertir-se com a sua excelentíssima filha?

ANICETO

A divertir-me não... Isso são contos largos... se vossa senhoria por aqui estiver amanhã, conversaremos. Agora boas noites, que são horas de dormir.

GUTERRES

Tem razão, tem razão... Boas noites.

(Aniceto fecha-se)

CENA IX

GUTERRES

Ora aí está a deidade, que eu eternizei nos meus versos! As esperanças de muitos poetas, quando se realizam, são pouco mais ou menos como esta. Este Aniceto, oferecendo-se aos meus devaneios de alma, é uma imagem que eu também ofereço como lição a todos os poetas. *(Vê-se um encapotado ao fundo, com chapéu de aba derrubada)* Mas, afinal, onde é que está a filha? Foi o velhaco do criado que me enganou! É o coice da proza que bateu no peito da poesia. Filha de Aniceto, onde quer que estejas, eu te ofereço este cálix de amargura, e boas noites. *(Vai a recolher-se ao quarto)*

CENA X

José Pimenta e Guterres.

Pimenta (*rebuçado*)

Boas noites.

GUTERRES (*suspendendo-se*)

Boas noites.

PIMENTA

Quem é o senhor?

GUTERRES

Não respondo a encapotados de melodrama. Destape-se.

PIMENTA (*deixa cair as bandas do capote*)

Eis-me.

GUTERRES

Eis-me o quê? Cada vez o conheço menos.

PIMENTA

O senhor falava agora aqui em filha de Aniceto. Que há de comum entre o senhor e a filha de Aniceto?

GUTERRES

De comum de dois? temos questão gramatical ou fisiológica?

PIMENTA

Que tem o senhor que ver com ela?

GUTERRES

Que tenho que ver com ela? Há muita coisa que ver: por exemplo, Barcelos, o rei dos tambores, vossa senhoria etc. Falta ele que ver...

PIMENTA

O senhor sabe que da zombaria ao revólver não há mais que um

passo?

GUTERRES (*sorrindo*)

O senhor figura-se-me um patusco bastante trágico. Um trano em Barcelos não pôde ser melhor nem pior que a sua pessoa. Como se chama, posso saber?

PIMENTA

Sou José Pimenta.

GUTERRES

Pimenta? por isso o senhor é tão cálido!... Eu sou de apelido Miramar. Tenho uma alma larga e fresca como o oceano. Saibamos: o senhor namora a filha deste Aniceto? Fale franco, que tem em mim um coração de poeta e um respeitador dos direitos adquiridos. Ama a tal pequena?

PIMENTA

Amo.

GUTERRES

Também eu.

PIMENTA

Também o senhor?

GUTERRES

Também eu; mas há uma diferença entre nós, e vem a ser que ela a mim não me conhece, e provavelmente ao senhor ama-o.

PIMENTA

Tenho provas disso.

GUTERRES

Tem? (*Solene*) O senhor sabe que esmagou neste momento um dos mais românticos corações que batem em peito de homem? Sabe que espezinhou as florinhas de um amor nascente que borbulhavam na

charneca desta alma? (*Concentra-se*) Coragem! Deixe-me saborear voluptuosamente o meu fel. E então o senhor vem aqui falar-lhe? Sabe que ela está...

PIMENTA (*apontando para o quarto de Aniceto*)
Sei que está ali no nº 10, que mo disse o criado da hospedaria.

GUTERRES (*apontando*)
Ali?

PIMENTA
Ali sim. O senhor também o deve saber. Espere... (*Reparando na vidraça sobranceira à porta*) Vejo um vulto de cara por detrás daqueles vidros... O senhor não vê?

GUTERRES
Sim, eu vejo lá o que quer que seja.

PIMENTA
É ela que me conheceu a voz. Quer outra prova?

GUTERRES
Não senhor, estou satisfeito. Aquela mulher é sua. Sou magnânimo até aqui!

PIMENTA
Se me fosse possível subir à altura da vidraça! Ali está uma mesa. O senhor guarda segredo? Não revela este arrojo de um amante apaixonado?

GUTERRES
O senhor chama a isso arrojo? Arrojo seria o Sr. Pimenta quebrar os caixilhos das vidraças e passar-se lá pra dentro. Pode fazê-lo que eu não digo nada.

PIMENTA (*atento nos vidros*)
É ela. É o anjo! Lá está o rosto amado!

GUTERRES

Vá, não perca tempo. Dê-lhe um beijo envidraçado.

(Pimenta aproxima uma banca da porta; sobe, e, ao chegar a cara aos vidros, Aniceto parte a vidraça com um murro, e põe fora a cabeça)

ANICETO

Ah cão!

PIMENTA *(saltando)*

Traição! traição!

(Ouve-se o rodar da chave. Pimenta foge)

CENA XI

Aniceto e Guterres.

(O palco escuro)

ANICETO *(correndo para Guterres)*

Ainda aqui estás, ladrão!

GUTERRES *(acendendo um fósforo)*

Olhe que está enganado, Sr. Aniceto. Suspenda-se. Veja que eu sou o funcionário da Póvoa, Guterres Artur. *(Continua a acender fósforos)*

ANICETO

Mas eu vi a cara do meu algoz atrás daquela vidraça. Onde está o celerado, o canalha do flautista?

GUTERRES

Ele toca flauta? São fatais os flautistas...

ANICETO

Transtornou a cabeça da minha filha o infame... Onde está ele?

GUTERRES

Safou-se. Os fósforos acabam-se. Eu vou buscar uma vela ao meu quarto.

(Engana-se, e vai querer abrir o quarto de uma das fidalgas, que exclama de dentro)

VOZ DE VELHA

Quem está aí?

GUTERRES

Enganei-me.

VOZ

Um homem! que desaforo! um homem!

GUTERRES

Perdão, minha senhora; não grite tanto. Vossa excelência parece-me bastante velha pelo metal de voz, e não deve rezeir-se de homens.

VOZ

Que escândalo! Um homem! A empurrar a porta do quarto de uma senhora...

GUTERRES

Não se assuste. Vossa excelência em guerra de paixões é país neutro. Esteja sossegada. Durma. *(Engana-se novamente com a porta de outra fidalga)*

VOZ

Quem bate? Quem anda aqui, mana?

GUTERRES

Cá está outra inviolável. Não é nada, minha senhora. A mana não teve perigo.

ANICETO (*saindo com uma luz do seu quarto*)
Aqui está luz. Venha cá, Sr. Miramolim.

GUTERRES
Miramar, se faz favor.

ANICETO

Que me diz à perseguição deste facínora? O senhor não lhe disse que eu estava neste quarto?

GUTERRES
Nada, eu não lhe disse coisa nenhuma. Eu bem vi que o senhor estava a espreitar pelos vidros; mas como ele disse “lá está o rosto amado” cuidei realmente que o rosto amado era o da sua pessoa. Não se aflija. O caso tem remédio. Trate a doença da sua filha pelo sistema homeopático. *Similia similibus*. Sabe latim? (*Sinal negativo*) Quer dizer: cura-se a moléstia com a mesma droga que a faz, percebe? quer dizer: a doença da sua filha é causada pelo tal sujeito, não é? (*Sinal afirmativo*) Pois *similia similibus* arranje-lhe outro semelhante.

ANICETO
Dois? tomara eu desfazer-me deste.

GUTERRES
Outro marido, percebeu?

ANICETO
Percebi, sim, senhor; mas eu não acho que a minha filha tenha necessidade de casar com este nem com o outro.

GUTERRES (*com ênfase e rapidez*)
Sr. Aniceto, a natureza tem direitos inauferíveis. Há períodos fatais no fluido nervoso que repelem toda a violência, e a não sofrem sem que a espécie seja deteriorada por transtornos contrapostos às evoluções palingenésicas da reprodução genesíaca, resultando daí

que as evoluções abafadas disparam em atrofia do sensório e outras aberrações de graves consequências: o senhor percebe, hein?

ANICETO

As aberrações curam-se com uma boa bengala, Sr. Miramolim.

GUTERRES

Miramar, se faz favor. Vejo que vossa senhoria não entendeu. A sua filha há de dar-lhe grandes penas e trabalhos, se não tiver em quem empregar a atividade do seu coração: percebeu agora?

ANICETO

Muito bem. Aconselha-me então o senhor que lhe procure marido.

GUTERRES

E quanto antes.

ANICETO

O senhor é solteiro?

GUTERRES

Sou, sim senhor, por quê?

ANICETO

Quer casar com a minha filha?

GUTERRES (*com gravidade*)

A sua filha, Sr. Aniceto, é uma imagem que me sorria nos meus sonhos antes de a conhecer. Eu amo-a com este coração de anjo que tenho; e, se eu já não fosse poeta, os olhos dela fariam de mim um Camões de ocasião. Mas a sua pergunta à queima-roupa é um choque tal de felicidade que me burrifica. Deixe-me tomar ar. Há comoções de alegria que achatam os bofes e sacodem todas as vísceras de um homem.

ANICETO

Não há tempo a perder. Quero livrar-me da perseguição deste

bandido da flauta. Se vossa senhoria anui, vamos sair imediatamente de Barcelos, e onde podermos parar em paz e sossego trataremos do seu casamento com a minha Vitorina. Eu vou chamar minha filha. Quero que ela o veja e ouça falar.

GUTERRES

Não, senhor. Isto de casamento é um ato sério e solene. Corações apanhados de surpresa não me servem. A mulher, que houver de ser minha, hei de conquistá-la palmo a palmo com as armas do sentimentalismo poético. Logo que eu conhecer que consegui apaixonar sua filha, então a contemplarei como objeto matrimonial. Eu sobretudo, Sr. Aniceto, sou poeta.

ANICETO

Então que é preciso?

GUTERRES

É preciso que ela me ame espiritualmente. Eu vou começar os meus primeiros ensaios no coração da sua filha empregando os expedientes sentimentais.

ANICETO

Que vai o senhor fazer nesse caso?

GUTERRES

Vossa senhoria não me disse que a sua filha se apaixonara pelo tal Pimenta em consequência de ele tocar flauta?

ANICETO

Foi isso.

GUTERRES

Pois eu vou empregar também a música. Pode ser que esta menina tenha a alma lírica e filarmônica e que o seu coração só possa ser abalado instrumentalmente. Faz-me o Sr. Aniceto o favor de recolher-se ao seu quarto, e esperar lá os fenômenos que se forem operando na sensibilidade da sua filha?

ANICETO

Sim senhor, eu cá vou esperar os fenômenos. (*Recolhe-se*)

CENA XII

GUTERRES (*só*)

(*Guterres pega da viola, preludia, aproxima-se do quarto de Vitorina e canta em postura de inspirado*)

Eu na Póvoa descuidado
Já não sentia desvelos;
Eis que surges, luz brilhante,
E eu te sigo até Barcelos.

Acorda, menina,
Não durmas agora,
Enquanto se fina
De dor quem te adora.

Vitorina, escuta os hinos,
Que te canta o meu amor;
Escuta os versos divinos,
De Guterres, trovador!

Acorda menina,
Não durmas agora,
Enquanto se fina
De dor quem te adora.

(*Escutando declama*)

Ela não se bolee. Parece-me que a ouço rressonar. É a beleza que ronca nos seus sonhos inocentes. (*Reparando em José Pimenta que vem entrando*) Temos chinfrim.

CENA XIII

José Pimenta, Guterres, Vitorina, no quarto e depois na cena, Aniceto mais tarde, e o criado.

(José Pimenta entra embuçado, medindo os passos à trágica. Chega ao meio da cena, arroja o chapéu, deixa cair a capa, cruza os braços, relançando um olhar sinistro. Depois tira da algibeira interior de uma jaqueta de pele os canudos de uma flauta, liga-os, dá dois passos à frente, e com a maior solenidade toca a ária da Sombra de Nino, da Semiramis. Guterres tem passado com a viola para o outro lado, e faz menção de se defender com uma cadeira, enquanto o outro não toca. Vitorina, assim que José Pimenta tem tocado a primeira parte da aria, começa aos empurrões à porta)

VITORINA (*dentro*)

Josezinho, Josezinho, eu estou aqui. Acode-me, salva-me! Arromba esta porta! (*Aniceto rompe do quarto com os braços no ar, a tempo que Vitorina faz saltar a fechadura e corre aos braços de José Pimenta, exclamando*) José, José, quero morrer nos teus braços. Ai! (*Desmaia nos braços dele*)

ANICETO (*ao criado que tem entrado com a luz*)

Você faz favor de me ir chamar o regedor? chame-me as autoridades todas. Ah grande facínora, cuidavas tu que em Barcelos não há justiça que vingue um pai?

GUTERRES

Sr. Aniceto, não mande chamar as autoridades. Nada de escândalos inúteis. Agora conheço que a chaga da sua filha só pôde ser curada com o pelo do mesmo... do mesmo José Pimenta. Não há duvida que o coração desta menina está magnetizado pela música; mas o que é certo é que a propensão dela não é a viola. A alma desta senhora inclina-se para instrumento de sopro. Não é assim, Sra. D. Vitorina? Faça favor de voltar a si para responder, e desmaie depois se quiser. (*Ela abre os olhos*) É verdade ou não?

VITORINA

Ai!

(Aniceto cai prostrado numa cadeira à boca da cena)

GUTERRES *(a Pimenta)*

O senhor não tem habilidade senão para a flauta. Aproveite a ocasião e vá com a pequena ajoelhar-se aos pés do velho. Andem para diante. *(Empurrando-os)* Parece que nunca estiveram no teatro!

PIMENTA e VITORINA *(ajoelhando)*

Meu pai! Piedade!

ANICETO *(erguendo-se de ímpeto)*

Oh!

(Grito rouco e prolongado; com os braços afasta tragicamente da vista o espetáculo dos dois que se ajoelharam)

GUTERRES

Sr. Aniceto, deixemo-nos de atitudes. Abençoe a união dessas criaturas. Deixe-os casar; alegre-se com a esperança de que há de ainda ver meia dúzia de netos a tocarem flauta; e meia dúzia de netas, com o gênio da sua mãe, amando uma orquestra de sujeitos distintos desde a trompa até à corneta de chaves. Vamos, volte o seu rosto misericordioso para os propagadores da sua individualidade típica.

ANICETO

Levantem-se daí!

(Erguem-se submissos)

GUTERRES

Bem; estão os senhores absolvidos. Parabéns. Ó Sr. Pimenta, eu creio que algum serviço lhe fiz, provocando com esta viola o poder fascinador da sua flauta. Em recompensa, faça-me o senhor o favor

de dizer se foi realmente com a ária da Sombra de Nino que enfeitiçou esta simpática jovem?

PIMENTA

Esta ária era a senha com que os nossos corações se entendiam.

GUTERRES

Ah! sim? Eu quero tocar isso no violão; vou experimentar o efeito dessa ária no coração de certas pessoas que costumam arrebatarse fascinadas pela minha voz de tenor.

(Tange na viola o acompanhamento da Sombra de Nino, e canta)

Pobre poeta, ninguém te preza,
Pobre poeta, ninguém te quer;
Nem c'oa viola tu conseguiste
Mover o peito de uma mulher.

(No intervalo de uma quadra à outra. A José Pimenta)

Isto vai bem?

(Faz na viola escalas sobre os bordões)

Mas não importa; vença a flauta
A simpatia das fracas almas;
Que eu antes quero, meus bons amigos,
O vosso afeto e as vossas palmas.



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com